



Quinzenário humorístico e literário

Guimarães, 16 de Maio de 1915

## PIMENTAS E PIMENTÕES

Não está no meu ânimo exagerar culpas nem agravar, por de mais, responsabilidades.

Quisera ser antes indulgente que severo; mas quem pode ver com olhos compassivos e sem imprecações nos lábios, actos selváticos como aquele que se desenrolou, na tarde de sábado, penúltimo, das portas do Priorado ao Campo do Propósito?

Seria aquilo apenas um facto accidental de responsabilidade anónima, de inspiração de momento ou consequentemente de ocasião?

Não!

Houve então o crime nefando de algum *scolopendra* que por aí se arrasta, viscoso e repelente, pelos antros maus, de congraçar sequazes abjectos para uma acção comum, porca e imunda como a lama do alcouce em que vive, se alegra e nutre?

Houve!

Mas procedeu êle de voto próprio ou simplesmente transmitiu ordens recebidas doutrem?

Opino pela segunda hipótese, atendendo à impassibilidade criminosa de quem *tudo lo manda*, o *D. Quixote* de papelão, investindo com envelopes, almagos, venéras e outras bugigangas de feitios vários, ao seu sorriso... *amarelo*, digo azul e branco esboçado *sardónicamente* sempre que lhe ferem os timpanos, tam afinados, vivas á monarchia, perdão á Cristina! Ia-me resvalando a pena para a verdade!

A autoridade procedeu, neste caso, com hombridade e correcção?

Não!

E digo não, porque a mesma autoridade deveria ter mandado dispersar a gentalha que ali foi mandada postar, para invectivar e apedrejar o homem que maiores serviços tem prestado á Pátria e á República.

Mas lá diz o galego da zarzuela:—*«Quein siembra vientos recoje tempestades»!*

Isto está na ordem do dia e será, certamente, a mesma de amanhã em que os republicanos elevem, de novo, ao seu pedestal de mirtos e rosas, a Liberdade irrrante e foragida.

Não se poderia terem dado gravissimos acontecimentos se não fôsse a muita correcção e prudência, evidentes, dos republicanos limpos ante a attitude insultuosa da malandragem porca?

Certamente.

E tam porca era que, na sua maioria, foi recrutada nos prostíbulo da devassidão, nas alfurjas da ociosidade e nos treinos da garotada; e, sendo assim, como é e testifica toda a gente que viu e reprovou, ácremente, o acto indecoroso da matulagem ridícula que para aí se exhibiu e tripudiou á farta, andrajoso e de pé desnudo, justifica-se, plenamente, a repugnância dos republicanos, naquele momento, em não querer sujar o bico das botas!

Mas, lembrem-se que o crime arrasta fatalmente o crime, o desvário, desmedido, o desvário tormentoso.

*Muitos poucos dias viverá  
Quem tais coisas não verá!*

Ferrabraç.

## AO TARAMELO

O seu escrito retardado  
E' um aborto estupendo.  
Não tem cabeça nem rabo,  
Como no verso estou vendo!

Eu ao lê-lo, deu-me a impressão,  
Dum caloiro, um badameco,  
De bilharda e de pião,  
Na rua jogando o beto!

E então, que de cavaladas,  
A' gramática portuguesa!  
Sam parelhas, sam patadas,  
Absurdos, com franqueza.

O *Melro*, aceitar disso,  
E' caso para eu pasmar!  
Ou teve perdido o juizo,  
Ou qu'il'lo então disfructar!

Diz que não volta á contenda?  
Sim, senhor, e tem razão!  
Mas se voltar, leva emenda,  
Apanhará outra lição!

E' isto que hoje lhe digo,  
Não que mo tenha a dizer!  
Se quer aprender comigo,  
Queita o amigo aparecer!

Manel.

## TIPOS POPULARES da nossa terra



### O REI DA GRÉCIA

—A's armas!

—Quem vem lá?

—S. Magestade El-Rei da Grécia!

—Há, sim, o tronco asnático duma monarchia de pasteis, canjica e cebolório do mestre Avelino!

—E' verdade. Sou a alta personalidade adocicada que docemente canta os hinos de Lourdes e os psalmos da marmelada!

—Donde vem?

—Da Penha.

—Foi na peregrinação?

—Sim. E lá em cima tive a honra de *mitrar* o bispo e de auxiliar a conversão do *Buiça*!

—Do *Buiça*, Magestade!

—Sim, dum *Buiça* inofensivo, dum *Buiça* poético que tinha a barriga agarrada ás costas, condição excencial para ser convertido.

—Pela esquerda em linha, Magestade!

—Assim foi, pela esquerda em linha para a grande comesaina...

—Toque de fogo, Magestade!

—Assim se fêz atacando raivosamente a vitela e a carne assada!

—A' esquerda unir, Magestade!

—Assim foi, camarada, unindo os copos com rapidez!

—Armar baioneta, Magestade!

—Manejo rápido; espetava-se bem!

—Toque de carga, Magestade!

—Foi valente e muito unido, no queijo e pudim!

—Cessar fogo, Magestade!

—Já estávamos cançados e não se fazia mais!

—Destroçar, Magestade!

—Era cada bordo que poucos se tinham de pé!

—E agora, Magestade?

—Direita rodar, ordinário marcha. Ram, tam, plam, tam, plam, tam plam... Cá vou, camarada, até mais vêr. Eia que perua.

Ferrabraç.

## As Gualterianas

A convite da Associação Comercial reuniram os representantes da imprensa local e correspondentes de alguns jornais diários de Lisboa e Pôrto, para resolverem, de comum acôrdo, a realização das grandiosas festas Gualterianas no próximo mês de Agosto.

Foram todos de opinião que elas se realizassem mais uma vez, o que nos apraz registrar, isto porque as Gualterianas vêm dar nova alma e vida á cidade de Guimarães, confundindo-a num borbório iniludivelmente apreciável, em que só tem a ganhar o comércio e a indústria.

Venham as festas.

## Pelo Telescópio

Esta Câmara actual,  
Tem lá três prendas emfim:  
Que só cá em Portugal,  
As podem haver assim!  
São três tipos de igual pôsto,  
Do mesmo tamanho e rosto,  
Com o mesmo officio leve!  
Três súcios duma cana,  
Que o seu serviço faz gana,  
Mandal'os para Havana,  
Ou pró demo que os carregue!

O que êles precisam agora,  
E é bem feito e com razão:  
E' ver onde cada mora,  
E em vez de mandar-lhes tóra,  
Veneros de papelão!  
Pois sobre a farda, no peito,  
E postas por certas mãos:  
Infundirão maior respeito,  
Aos citados cidadãos!

Espião.

(Marca registrada)  
Monárquicos!

Atendei:



Antigamente, todos se acusavam ou queixavam da falta de dinheiro, mas nenhum da falta de juízo!

A vossa vergonha foi chão que já deu uvas, ou é uma ferradura que se vai gastando com o uso.

E a prova mais evidente de que trazeis os tópicos à razão de jurros, viu-se claramente na tarde memorável de 8 de Maio, quando da vagorosa passagem por esta cidade do inteligente caudilho da Republica Portuguesa, dr. Afonso Costa.

O vosso procedimento para com esse conhecidíssimo homem público, foi tam réles, tam porco e tam falho, que a alguns dos vossos correlegionários dos mais graduados e que, constantemente, aqui passeiam á minha beira, ouvi eu, distintamente e pulando indignados, dizer:

—Canalhas, canalhas, sim, porque a educação é uma carta de recomendação que dá entrada franca em toda a parte.

Portanto, usando dos direitos que me competem, eu também protesto solenemente aqui, à vista do céu e dos homens, contra a violência que se fêz a Afonso Costa e contra a violência dos seus direitos mais sagrados.

A quadrilha esfaimada que em correria louca uivava persistentemente atraz do auto que conduzia o brilhante estadista, não era mais nem menos do que um bando de alucinados ignorantes e tapados como portas.

Quem viu, como eu vi a rasgada e agradecida cortezia que mano Afonso me fêz ao passar distante de mim alguns passos, não poderá abertamente dizer que Afonso não é um homem educado e respeitável e um homem de grandes afirmações no passado, no presente e no futuro.

Mas socegai, turba difamante, que em breve sereis contemplados e até de mais.

Roskof

Com vista a um Camarista cá do burgo, e à família competente; senão com reflexão a sua Ex.<sup>a</sup>, o Senhor Sub-delegado de Saúde!

Há aí um cidadão, Que é dum Camarista irmão, Que o seu fato pelinirão, Precisa de água e sabão, Ou, então votal'o ao lixo! Isto não só por S. Ex.<sup>a</sup>, Tenha o cidadão paciência; Senão por higiene e decência, Como por nós certo capricho!...

\*\*\*

## NA BERLINDA!...

Pasme o povo! Pasme as gentes!  
Pasme tudo, tudo enfim.  
Pasme tudo com'a mim,  
O caso merece tal!  
Na visita do Arcebispo,  
Esteve pra ficar em risco,  
Em calças pardas e em cisco,  
Guimarães, meu Portugal!

Eu vou contar a contenda!  
Caso estupendo! De assombro!  
Meteu a República hombro,  
E o Afonsinho do caco!  
E então cá a Çedade,  
Esteve em riscos na verdade,  
De levat para tabaco!

A guerra estava tramada!  
Não era o caso piada,  
Não senhor, nem para rir!  
Estava a tropa fardada,  
A polícia alucinada  
Muito burro e muita albarda,  
Para na guerra entrevir!

Houveram vivas e môrras,  
A' Bernarda, e outras p...  
De igual efeito e mensão!  
E eis que em dado momento,  
Mais leve que o pensamento,  
E mais rápido que o vento,  
Aí surge a Revolução!

Os marchais, isto p'ra nós,  
Era aquele homem sisudo;  
Que sempre sério e mudo,  
Se vê na Serra da Penha!  
E então o seu armal,  
Meu querido Portugal,  
Era um capado de lenha!

Mas oh que belo marmeleiro!  
Que cacete, Santo Deus!  
Se êle rapa pelo landreiro,  
Seria êle o primeiro,  
O mais atrevido guerreiro,  
Que teria o mundo inteiro,  
Por entre a turma dos seus!

Ainda um outro havia,  
E êsse também refilão;  
E de há muito co'a mania,  
De tramar a Revolução!  
Chama-se parece que Anriques,  
Nada dado a berliques,  
Todo ousado e nada triques,  
O citado maganão!

Mas se a memória me não erra,  
Entrava outro na guerra.  
Outro ainda na tramóia!  
Ah! já sei. Agora me alembra,  
Quem era a tal prenda;  
Era um de sete cartas  
O supra dito sugeito!  
E todas extranhas e raras,  
Como a de tr... e do peito!

Mais haviam preparados,  
Reis valientes e soldados,  
Firmes, erectos, portados,  
No jardim do Snr. Jordão!  
Aqueles então sim!...  
Aqueles então p'ra mim,  
Firmes p'ra Revolução!

São de pedra, não de gesso,  
Homens que tem outro apreço,  
E que valor consagrado!  
Só o seu nome faz guerra,  
Faz tremer o ceu e a terra,  
O valôr que o pulso incerra,  
De espadagão afiado!

Vai-se a ver, bombas eram de tasco!  
Armas? As de papelão!  
Que chinfrim, oh que fiasco,  
O tal da Revolução!

E então os tais marchais,  
Deram sorte como os mais;  
Como os outros mortais,  
Na supra dita questão!

Mas se o caso ficasse aqui?  
Do mal o menos, coitados!  
Mas por mal dos seus pecados,  
Deu o caso que pensar!  
O papa, ficou sacrista!  
O Guimarães, sem a Çedade Rial!  
O Anriques, esse coitado,  
Foi de novo expatriado,  
P'ra fóra de Portugal!

E esses de pedra, não cal,  
Atê dizer fica mal;  
Aquilo junto ás cuécas,  
Pareciam duas fagécas;  
Duas cabeças de fanecas,  
Já esmigalhadas e secas,  
E então que cheiro tal!  
Não deram ás de Vila Diogo,  
Mas ficaram como um ovo;  
Sem dizerem nada ao povo,  
Ao povo da Çedade Rial!

Ora veja-se lá meus Senhores,  
No que deu a tal bexiga;  
O tal caso dum figa,  
Que se não aperto a barriga,  
Decerto ficava mal!...

Pirângula.

## Conversão dum Buiça

—Meu respeitabilíssimo arcebispo. Muito contrito e reverente, venho humildemente beijar-lhe o anel prelatício.

—Quem é vocemecê?

—Eu sou o Buiça...

—O quê? o Buiça! o assassino do nosso pranteado rei D. Carlos e do seu filho, sr. D. Luis Filipe? Mas esse malvado morreu ás mãos dum bravo oficial do exército, se a memória me não falha e...

—Não senhor, não sou êsse Buiça, sou outro que nada tem com o parentesco desse homem que também desapareceu tragicamente do número dos vivos. Eu sou o Buiça crismado.

—Ah, compreendo. Que alívio vocemecê me deu agora...

—Mas note que tenho os mesmos figados e boche do genuíno e verdadeiro Buiça!

—Ai, Jesus, que susto! O' padre João das Pêtas, tome lá nota dum...

—Duma quê, sr. arcebispo?

—Duma pêta, pois de que havia de ser?

—Com mil bombas...

—O quê, vocemecê traz bombas! Ai meu Deus que desgraça!

—Não se assuste que nada lhe sucede. E' a sêde da vingança que me faz falar...

—Tem sêde? vai já beber, des-cance. O' padre João Crisostomo dá cá a borracha.

—O sr. arcebispo também tem disso?

—Não, pertence ao meu famulo.

—Quarenta mil balas ponha tudo isto em pantanas!

—Jesus de misericórdia, valeime, não me deixeis morrer de... susto! Isso agora é um arsenal para o que eu não tenho quem o sirva. Pelo que ouço presumo que o snr. seja militar?

—Sim, senhor, pertenço à caserna.

—Acredito que veio à Penha movido dos seus sentimentos religiosos!

—Não, senhor, do espirito, do espirito é que eu vim animado.

—Sim, também, do espirito religioso...

—Daquele espirito que o Tarau vende a dois centavos os dois de-cilitros e meio.

—Nesse caso está bem disposto para encher o estomago de novas munições, saborosas, preparadas pelo abade de Priscos!

—Se estou! tenho já a barriga agarrada ás costas e facilmente se passa com uma baioneta!

—Feliz daquele que reconhece e confessa os seus erros e crimes porque dêle é o reino do ceu. Dai-lhe, Senhor, dai-lhe o ceu folgado...

—As munições, as munições preparadas pelo abade de Priscos é que eu quero, amem Jesus, Maria José.

—Assim será. Milagre! milagre! converteu-se um Buiça!

Ferrabraç.

## Documentos do ESPIÃO

Mais uma carta que recebemos pertencente a um cidadão cá do burgo, à qual lhe damos a devida publicação:

Crida Joana

A sua carta asseitando o meu amor beio causar ao meu curação apaixonado uma grande e comprida alegria.

Ao receber a sua para mim muito estimada carta o meu curação estava tic-tac como a pendula dum relógio, a bêr se asseitava o meu amado amor.

Quando a abri e li a palavra que também me amava acusi que tive um desmancho de alegria.

Foi a maior satisfação de toda a minha vida.

Ele parece vergonha a gente confessar-se acima mas é o que diz o meu curação.

Agora não me impottaba de ir para os anjinhos porque vou satisfeito por ser amado por çí.

Cem mais çou este que a ama loucamente apaixonadamente

Simão

O novo namorista, pelo que se vê, diz que não se importa de ir para os anjinhos, pois que vai satisfeito por ser amado depois de morto!...

## Ào Sol-poente!

Os teus caprichos, morena,  
Quando passas qual rainha:  
Fazem-me dores, dão-me pena,  
Por não seres morena, minha!

Zaragateiro.

## Delivrancee

Deu à luz uma robusta criança a esposa do nosso querido amigo e conceituado negociante de ourivesaria da nossa praça sr. José Joaquim da Fonseca.

Secção Literária

ALMA PORTUGUESA

O SOL

Vem sorrindo o sol, nos rubros nascentes  
Cheio de alegria, cheio de bondade;  
Estende-se por a terra com vaidade  
Aquecendo os famintos inocentes:

Debaixo dos beirais os descontentes  
Cheios de amargura e piedade  
Quando o sol aquece a humanidade  
Sorriem de vez em quando de contentes.

E se desaparece, o sol divino  
Seguindo a fugir, o seu destino  
Recordam-se do sol, cheios de saudade.

E de manhã, esperam que desponte  
O livido sol, pálido no horisonte  
O sol bendito! Sol da piedade.

Abril—1915.

António Magalhães.

MAR ALTO

Nas velas do pequeno brigue  
havia uma alvura de jaspe a con-  
trastar com a escuridão da qui-  
lha.

E ela lá ia, mar em fóra, in-  
clinada um pouco sobre a esquer-  
da, apartando a risca as águas  
glaucas.

A ré da embarcação, envolta  
numa poeira luarenta, demora-  
va-se olhos no céu de frente ale-  
vantada, uma creança de dezes-  
seis anos, num como extasi da  
Natureza, numa contemplação do  
mar e do céu, da água e do ar.

Quem a visse tam jaspemente  
branca e tam ceresmente loura,  
diria que aquela criança era feita  
da espuma do mar, batida por  
um raio de sol no ocaso.

Naquele pequenino cérebro pai-  
rava uma saudade indefinida por  
alguém que ficára em terra ao  
largar das velas da «Nuvem».

Os seus olhos da côr dos mio-  
sotis iam orvalhados de lágrimas  
sentidas.

Criança até ali, o seu coração  
dissera adeus aos divertimentos  
puéris e começára a sentir um  
anelo para um desconhecido, uma  
aspiração para uma coisa vaga  
que ela sabia sentir mas de ne-  
nhum modo exprimir.

Permanecia na tolda uma boa  
meia hora, quando de subito ti-  
rou de dentro do seu colo de açu-  
cena um retrato de um rapaz de  
marinha, que ela beijou com uma  
carícia infantil e, por todo o seu  
sêr, sentiu um vago estremeci-  
mento como se lhe corresse nas

veias a efervescência de uma taça  
de champagne.

Deixára-o, havia instantes, e  
ainda lhe parecia receber a quen-  
tura dos lábios do seu amante.  
Como ela lhe queria e quem  
sabe se o tornaria a vêr!

Para ela era preciso sêr amada,  
sêr cingida por um braço forte,  
roçada por uns lábios que a pi-  
cassem.

Como ela recordava a sua es-  
tátua avantajada, o seu pulso vi-  
goroso, o seu bigode farto e as  
maneiras rudes do seu namorado!

E o seu frágil como um arbusto  
a quem a ventania açoutasse, es-  
tremecia só em pensar nele.

Na coberta vigiara-a desde o  
o início, um marinheiro, verda-  
deiro tipo inglez, que costeava à  
minutos o sonho daquela criança  
e, embebido, enlevado naquela  
poesia positiva, tinha-se aproxi-  
mado até fazer uma tangente com  
os lábios no rosto tão alvo da-  
quella mulher.

Abraçou-a em seguida e ela  
deixou-se ir naquela corrente de  
prazer.

Sonhava e eram os braços do  
seu amante que a cingiam, eram  
os mesmos lábios que a beijavam,  
era o mesmo corpo que se unia  
ao dela.

Todos os dias subia à tolda,  
mas já nem sequer se lembrava  
de quem ficára em terra ao lar-  
gar das velas da «Nuvem».

Todos os dias subia à tolda,  
para se deixar embalar pela me-  
lodia harmoniosa das palavras  
daquelle marinheiro que ela co-  
meçára a querer num sonho e  
acabára por amar, vivendo.

Jaime de Faro.

INSTANTÂNEOS

—Quem é que na Penha con-  
tinuou com as fitas e regeitou o  
carneiro por não ser tenrinho?

—Foi o nunca esquecido pro-  
fessor Godinho.

—Quem é que na Penha gosou

muito no domingo passado?

—Foi o A. Pimenta Machado.

—Quem é que lhe fêz compa-  
nhia no gôso e animação?

—Foi a D. M. da Ascensão.

—Quem é que do Gaiolas se  
deve acautelar devido a trazer

consigo um grande e colossal ca-  
neco?

—E' o Braga Tareco,

—Quem é que por mais de  
uma vez tentou partir-lhe o ca-  
nastro?

—Foi o Castro.

—Quem é que foi que se en-  
cheu de rir quando viu êsse par-  
sinho?

—Foi o Zé... povinho.

—Quem é que em defesa de  
si e mais da incomparabilíssima-  
ó-galantíssima russa está a fazer  
uma figura triste que é da gente  
se exilar num castelo?

—E' o p... do Taramelo.

—Quem foi que dentro duma  
gaiola meteu os *evolucionistas* e  
*onionistas*?

—Foi o Afonso dos *démocrá-  
tistas*.

—Quem é que por *pousar* re-  
gularmente qualquer dia vai fazer  
uma viagem até à China?

—E' o Xiquinho Pina.

—Quem é que da bicicleta  
caiu por umas escadas esmuran-  
do os dedos e uma canelinha?

—Foi o endiabrado Lacerdinha.

—Quem é que para a confe-  
rência a realizar hoje na S. M. S.  
enverga a farda e que por causa  
da gordura já lhe fica mal?

—E' o Fonseca cordeal.

—Quem é que no sábado pas-  
sado andava pelas ruas em meias  
constando que ia com as mali-  
nhas para a terra?

—Foi o desconchavado Guerra.

—Quem é que tem um bigode  
maior do que outro, mas nem  
por isso deixa de ser bonzinho?

—E' o Francisco Biguinho.

S. Torquato

E' hoje que se realiza a peque-  
na romaria de S. Torquato que  
costuma ser muito concorrida de  
forasteiros.

Muita ordem... e pouco vinho.

CORRE

Que a Sociedade Sarmentina,  
embandeirou na ocasião da visita  
do Sôr Arcebispo e não embandei-  
rou no 9 de Março.

—Que em lugar de Sarmento  
passa a ser Manel II Vem do Ma-  
to.

—Que se torvou reparado o  
Club Formigal não embandeirar.

—Que o *terribele* Ligório, veio  
inquietar o berço da Nacionarquia.

—Que o Pio IX oscilou e quá-  
sica ia, quando viu chegar a *ter-  
ribel* artilharia de pipas de vi-  
nho e mais tarde até berrou ao

chegar a *peelingronça*, julgando  
ser *alamões*.

—Que se tivesse um secretário  
nada disso lhe aconteceria.

—Que o nosso secretário, ex-  
plorou a *feustança* em quatro vin-  
tens, visto ter andado de ópa.

—Que o *Couceiro* fêz sucesso.

—Que ao *Ser Antoninho Lan-  
zona* lhe ficava muito bem o cha-  
peu de 2 bicos, fazendo pois um  
*fugurão*.

—Que hoje em S. Torcato vai  
haver verdasco a granel.

—Que o Sobras brevemente  
vai fundar uma biblioteca para  
analfabetos.

—Que aderiu a monarquia e  
à santa religião.

—Que o Rei da Grécia, repre-  
sentou os Darmarmelos, na *feusta*.

—Que o Arranjinho, já sabe  
tocar o Hino da Formiga e a  
Partida das Moscas para a Guer-  
ra do Perú.

—Que na Casa Chinezta, esta-  
vam bandeiras das nações unidas.

—Que certo menino, queria  
200\$000 reis, pela música do  
«Pra cá vens de carrinho».

—Que toda a gente gosta da  
pinga.

—Que 3 vezes 9=27 nada  
houve no teatro.

—Que o Jacinto, qualquer dia,  
dá uma lição de moral a um que  
rola.

—Que um padeiro, cá do bur-  
go, tem muita vaidade quando  
distribui a esmola quinzenal.

—Que ali para os lados dos  
Capuchos existe um barbeiro-ca-  
beleireiro muito apaixonado pe-  
las musas, ao passo que quando  
delas se abeira logo a chorar  
principia, sendo preciso acomó-  
dá-lo com *pós Keanting*.

—Que na rua Egas Moniz se  
fundou uma associação de *ilus-  
tres domas*, tendo como presiden-  
te a sr.<sup>a</sup> D. Seiras.

AVISO

Prevenimos os nossos estima-  
dos assinantes que de ora avante  
não satisfaçam os pagamentos dos  
recibos sem verificarem nas cos-  
tas dos mesmos a chancela mo-  
nograma A. D.

ULTIMA HORA

Feitiços amarelos, brancos,  
vermelhos, pretos e russos...

Partiram para os Estados  
Marroquinos, aonde vão conse-  
guir novos sistemas de *feitiços*,  
o *Taramelo* e a galante *russa*, sua  
companheira inseparabilíssima.

Embora procurem não encon-  
trarão processo com que enfeiti-  
ce o *Manel* ou outro qualquer  
«Espião».

O ESPIÃO vende-se no  
Quiosque do sr. Torquato Gon-  
çalves, ao Passeio da Inde-  
pendência.

No seu género a casa «Londres em Guimarães» é a que mais sortido tem e melhores artigos vende. Corte inglês, sistema MINISTER'S

## Loja de Sola

— DE —

**Joaquim S. Boaventura Mendes Guimarães**

Neste estabelecimento encontra-se um variado sortido em sola, cabedais e miudezas próprios para sapatarias.  
Artigos de luxo para calçado.  
Grande sortido em fivelas e aperta-lacos para senhora e criança.  
Exportação de calçado e depósito de malas de chapa e couro.  
Preços baratíssimos.

13, Rua de S. Dâmaso, 15 — GUIMARÃES

## BOLACHA INGLESA

— DE —

Hutley, & Palmers, Crawford's Carr's e Peck Frean & C."

**MANUEL JOAQUIM DA CUNHA & MENEZES**

Rua de Paio Galvão — GUIMARÃES

Massas alimenticias nacionais e estrangeiras

CHAMPAGNE E CONSERVAS

MERCEARIA---CONFEITARIA

Oficina e Depósito de Calçado

— DE —

**SERAFIM DA ROCHA**

DEPÓSITO:

Rua Egas Moniz (antiga Rua Nova do Comércio)

Nesta casa fabricam-se calçado de sola e tamancos de todas as qualidades.

## COSTA COLCHOEIRO

RUA EGAS MONIZ, 11—GUIMARÃES

Executa com perfeição e rapidez todos os trabalhos que digam respeito á arte de colchoaria. Também se encarrega da colocação de cortinas e toldos.

Preços módicos.

### O ESPIÃO

Publicação quinzenal

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Trimeste. . . . . 12 centavos (120 rs.)  
Pelo correio aumenta 3 centavos (30 rs.)  
para o porte e cobrança.

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e com., linha 4 cent. (40 rs.)  
Repetição, linha . . . 2 » (20 » )  
Anúncios não judiciais, para os srs. assi-  
nantes, 25 % de abatimento.

## Ao guarda-sol elegante

Depósito de guardasóis e bengalas

154, Rua da República, 160

GUIMARÃES

João Carlos Vieira de Andrade previne os seus amigos que acaba de tomar de trespasse a antiga e conhecida casa dos guardasóis, estabelecida há longos anos na antiga Rua da Rainha.

Neste estabelecimento encontrarão sempre grande sortido de guardasóis e bengalas, por preços convidativos.

Também continua a encarregar-se de todos os concertos de guardasóis, desde o mais simples ao mais dedicado que apareça, tudo por preços sem competencia.

Uma visita ao estabelecimento, a título de experiência, será o suficiente para se certificarem da verdade do que fica dito.

## MERCEARIA E CONFEITARIA ANDRADE

32, Largo da Oliveira, 33

Guimarães

Virgílio Vieira de Andrade participa a todos os seus amigos e aos freguêses habituais da casa, que acaba de tomar de trespasse, a antiga Confeitaria Fernandes, ao largo da Oliveira, onde todos encontrarão completo sortido de artigos de mercearia de 1.ª qualidade, e de confeitaria, como: sônhos, tortas, sardinhas de doce, pão de ló fabricado pelo sistema de Margaride, frutas secas e caldeadas, etc., etc.

Recebem-se encomendas de doce de prato, o qual se fornece com a máxima perfeição e acieio.

Preços convidativos.

A Flôr de Guimarães Mercearia e Confeitaria

DE

Ribeiro & Sobrinho

Especialidade em chá, café e azeite.

Nêste novo estabelecimento, situado no Largo da Oliveira, n.º 14, 15 e 16, encontra-se á venda todos os artigos de mercearia tais como arroz, assúcat, bacalhau, massas alimenticias, bolachas, vinhos finos. Café moído á vista do freguês desde 550 reis a 600 reis o kilo.

Azeite de lãua qualidade a 140 e 150 o meio litro. Uma visita á FLOR DE GUIMARÃES

### O ESPIÃO

Publicação quinzenal

Ex.º Sr.